

FONTES FRANCISCANAS

II

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

VOLUME II



ISBN: 972 - 9190 - 91 - 7
Depósito legal: 106221/96

Composição e impressão nas Oficinas Gráficas
da Editorial Franciscana
email: edfranciscana@mail.telepac.pt

BRAGA – 1996

FONTES FRANCISCANAS

III

Santo António de Lisboa

Legendas — Sermões

Volume II

Editorial Franciscana
Braga – 1995-1996

APRESENTAÇÃO

No 8º Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa, depositamos nas mãos do público da língua portuguesa esta obra, há muito desejada.

Depois da Legenda “ Assidua “ e das que se lhe seguiram na Idade Média, muito se escreveu sobre o santo lisbonense, nomeadamente, a partir do século XVI, tanto em Portugal como no estrangeiro, porém, as obras vindas a lume, desde então até ao alvorecer de 1900, por repetitivas e mesmo, em numerosas, acrecidas de casos maravilhosos que a fantasia dos seus autores e, quiçá, a devoção popular, atribuíram ao incomparável Taumaturgo da Itália, França e Portugal, mereceram acre censura, entre outros, de Afonso Lopes Vieira, quando, em 1932, deu à estampa o seu “Santo António - Jornada do Centenário”.

Ultimamente e afortunadamente, a Crítica-histórica dedicou-se ao Santo com incontáveis estudos, assinados, dentre tantos, por Albert Lepitre, L. de Kerval, G. Benvenuti, A. Callebaut, G. Cantini, F. Delorme, V. Gamboso, Aloísio Gonçalves, Félix Lopes, Gama Caeiro, Pinto Rema, Cândida Pacheco e quantos trabalharam no Congresso Internacional “ Pensamento e Testemunho, celebrado, durante as Comemorações Antonianas, no Porto, Coimbra e Lisboa, de 25 a 30 de Setembro de 1995.

Nesta edição, damos a versão portuguesa das nove primeiras Fontes Agiográficas (séc. XIII-XIV) a fim de aperfeiçoarmos a imagem histórica do glorioso Taumaturgo, e também, a dos seus Sermões Dominicais e Festivos, que temos como a mais lídima “radiografia” de António de Lisboa, com a sua abundante e profunda Ciência Teológica e Mística ao serviço dos homens, quando perdóados pelos labirintos escuros do erro e do mal.

Neste II volume oferecemos as restantes quatro Fontes Agiográficas de S.to António, que projectámos publicar nesta Edição: Legenda de Santo António intitulada “Benignitas” e a Legenda Raimondina.

Em outro lugar, neste II volume, a tradução portuguesa dos seus Sermões dos Domingos depois do Pentecostes.

Uma palavra final de homenagem e gratidão aos Tradutores das Legendas, à prestigiada Editorial Franciscana e a quantos devota e generosamente colaboraram nesta publicação, com relevo mui particular, ao conceituado antonianista dos nossos dias, Frei Henrique Pinto Rema, OFM, a quem devemos a quase totalidade das Introduções às Fontes e a tradução dos Sermões do proclamado pelo Santo Padre Pio XII “Doutor Evangélico” em 16 de Janeiro de 1946.

À glória e louvor de Deus Altíssimo no Seu e nosso Santo António de Lisboa, de Pádua e de “todo o mundo”.

Porto, 13 de Junho de 1996

Frei António de Almeida Pinho, OFM
(Presidente da Comissão Franciscana do Centenário)

VI

LEGENDA DE SANTO ANTÓNIO

intitulada

«**BENIGNITAS**»

redigida por *João Peckham* da Ordem dos Menores
(c. 1280)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema*, OFM

Tradução: *Frei José Maria da Fonseca Guimarães*, OFM

Título original:

LEGENDA SANCTI ANTONII PRESBYTERI ET
CONFESSORIS
«BENIGNITAS» NUNCUPATAE FRAGMINA QUAE
SUPERSUNT

Johanne Peckham o. Min. auctore (c. 1280)

INTRODUÇÃO

A Legenda «Benignitas», assim chamada pela primeira palavra latina do texto, tem provocado ao longo dos tempos grandes controvérsias. Os antonianistas antigos e modernos têm tentado resolver todos os problemas suscitados pelos importantes fragmentos que dela nos restam.

O Autor e a datação desta Legenda continuam a dividir os especialistas na literatura antoniana. A credibilidade do que nela se afirma depende também destes pressupostos, pois não significa o mesmo ter sido escrita por 1280 por Frei João Peckham, ou em pleno século XIV, já depois da Legenda Rigaldina, da qual trataremos a seguir, como aventou, por exemplo, Léon de Kerval. Um dos maiores cultores da vida do nosso Santo, Vergílio Gamboso, inclina-se decididamente para a paternidade de Frei João Peckham, que a teria redigido por decisão do Capítulo Geral de Pádua, no Pentecostes de 1276, de que saiu eleito Ministro Geral Frei Jerónimo de Ascoli, futuro Papa com o nome de Nicolau IV.

Se a Vida Primeira ou Assidua constitui a fonte principal da Legenda Benignitas, é certo que o seu Autor recorre também a fontes orais e a outras fontes escritas, o que lhe traz uma série de novidades em relação às legendas anteriores. Ela conta que, no dia da canonização, o Papa Gregório IX lhe entoou a antífona dos Doutores e em Lisboa repicaram festivamente os sinos da catedral; faz o nosso Santo de 36 anos na hora do seu passamento deste mundo para o Além, assim distribuídos: quinze na casa paterna; dois, no Mosteiro de São Vicente; nove, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e dez na Ordem de São Francisco; dá-lhe por pais Martinho de Afonso e Maria; refere o início das obras da Basílica de Pádua e a sua inauguração no dia de Páscoa de 1263, quando São Boaventura encontra a língua do Santo incorrupta;

fala dos flagellanti, como se foram da sua iniciativa, quando o movimento só surgiu na década de 1260, o que é portanto um evidente anacronismo; atribui ao Santo a ressurreição do sobrinho Aparício, em Lisboa. Nesta Legenda, os milagres crescem em número e diversificam-se, entre eles, o milagre da mula que se prostra para adorar a Eucaristia lá para os lados de Toulouse, em França, quando Bartolomeu de Pisa coloca o episódio em Rimini e chama Bonello ao herege que por esse milagre se converteu.

O maravilhoso na vida do Taumaturgo, que o foi, sem sombra de dúvida, logo a seguir à segunda tumulação, como vem na Assidua, fascinou todos os legendistas. Na época, interessava mais a edificação dos fiéis cristãos do que a verdade histórica e a informação científica. Mero acontecimento, ao passar à tradição oral, vai recebendo coloridos interpretativos consoante os lugares e as pessoas que o redigem. Quem conta um conto aumenta um ponto — diz o prolóquio.

Por causa das suas muitas novidades e milagres suplementares, não admira que tenha tido seguidores, nomeadamente no Liber Miraculorum e nas biografias de Súrrio e Sicco Polentone, tão largamente utilizados pelos biógrafos dos séculos XVI e seguintes.

A primeira e grande edição deve-se a Léon de Kerval no começo do presente século; a segunda, ao catedrático paduano Roberto Cessi, em 1932, que é de opinião ela seja anterior às Legendas Rigaldina e Raimondina; a terceira, ao franciscano conventual José Abate, em 1970, aventando a hipótese de ter sido escrita por minorita italiano do século XIV; finalmente, a quarta, a Vergílio Gamboso, igualmente franciscano conventual, em 1986, bilíngue (latim e italiano) e com excepcional aparato crítico.

PRINCIPIA O PRÓLOGO

1. A benignidade¹ de Deus, nosso Salvador, e o seu amor pela humanidade, tornaram-se patentes neste mundo, quando ele, não só por si mesmo...

CAPÍTULO I

A infância do Santo

1. António, que viria a ser uma brilhante testemunha de Cristo, comparável à estrela da manhã, e como servo de Deus e profeta do Altíssimo, um pregador famoso e doutor egrégio, era oriundo de linhagem nobre dum reino das Espanhas: nasceu na cidade de Lisboa, sita nos confins de Portugal. Seu pai, Martinho, fazia parte da milícia do rei Afonso; a mãe, de nome Maria, pertencia à classe média, segundo os critérios genealógicos humanos. Quase desde o berço o menino encantava pelo seu belo comportamento, como prognosticando aquilo que viria a ser mais tarde.

2. Ao atingir a adolescência, mais se acentuou nele o interesse pela virtude, não se deixando enredar em aventuras lascivas, como nessa idade costuma acontecer. Pelo contrário, imitando o exemplo dos seus virtuosos progenitores, comprazia-se em estender a mão aos pobres com esmolas generosas para lhes aliviar as

¹ *Benignitas et humanitas salvatoris nostri Dei apparuit.* (Tit 3, 4). Foi a primeira palavra desta citação que serviu para título da legenda: «**BENIGNIDADE**» (Nota do tradutor).

necessidades materiais: desde a infância crescera nele esse gosto de fazer bem. 3. Por outro lado, também contribuiu para polir as soleiras de mosteiros e igrejas, de tão frequentemente as atravessar, ao ir lá ouvir com a máxima atenção explicações das divinas Escrituras; e tudo quanto ouvia o guardava com grande cuidado no escrínio do coração para nunca mais o esquecer.

4. Assim, duma forma tão exemplar, foi construindo a sua vida este nobre e incomparável servo de Cristo, António. Qual arquitecto competente e consciencioso, começou por estabelecer alicerces bem seguros a servirem de base para a estrutura do edifício espiritual! Não admira que tenha conservado sem a mais leve mancha até ao fim a veste da pureza imaculada, tanto no espírito como no corpo.

CAPÍTULO II

Os protomártires franciscanos

1. Entretanto aconteceu que um cavalheiro, mais concretamente o Infante D. Pedro, primogénito do ilustre rei de Portugal, trouxe os restos mortais de alguns frades da Ordem dos Menores, que tinham sido enviados a Marrocos por S. Francisco para converterem as gentes dessa região, e pelo testemunho da sua fé cristã tinham sido decapitados pelo cruel rei desse estado...

CAPÍTULO III

Ânsia de martírio

1. Segundo se diz, os elefantes são estimulados para a luta só com verem a cor de sangue das amoras... Certo é que o nosso Santo, ao tomar conhecimento do martírio dos tais irmãos, se sentiu estimulado a dar por Cristo o mesmo testemunho. E crescendo sempre mais em intrepidez, eliminando por completo o medo que

os homens pudessem inculcar-lhe, protegido pela graça divina como por um escudo impenetrável, esperava dentro em breve receber o prêmio da vitória sobre os pérfidos inimigos da cruz de Cristo.

2. Na ânsia de realizar os sonhos que lhe inundavam a alma, expunha a Deus este segredo do seu coração, invocando piedosamente, dia e noite, o Pai das misericórdias, suplicando-lhe se dignasse benignamente inspirar-lhe o que a tal propósito fosse mais do agrado da majestade divina, mais proveitoso para a própria salvação e mais vantajoso para o próximo.

CAPÍTULO IV

Quanto ele era estimado pelos irmãos

1. É fácil imaginar, irmãos caríssimos, até que ponto o bondoso Ant3nio era realmente estimado por todos: nem o prelado lhe queria dar licen7a de partir, nem os outros irm3os se conformavam com a sua determina73o, nem at3 um antigo colega dos C3negos Regrantes aguentava a sua aus4ncia.

2. Estou convencido de que n3o ter3 sido sem grande tristeza, sem muitas l3grimas derramadas, sem amarga desola73o de toda a fraternidade, que se despediram dum homem de tal valor, a quem todos esperavam ter em breve como digno superior do convento.

CAPÍTULO V

Mart3rio frustrado

1. Oh! Como 3 digno de ser por todos exaltado Santo Ant3nio, que de todo o cora73o anelava sofrer o mart3rio por Cristo! Mas a admir3vel e insond3vel provid4ncia divina, como mais tarde se veio a tornar claro, reservava-lhe empresas mais proveitosas para os outros, ao permitir que em muitas partes do mundo ele

reconduzisse ao caminho da conversão e da salvação tantas e tantas almas iludidas pelo demónio, arrancando-as da vasa do pecado.

2. Embora não tenha sido uma espada de carrasco a tirar-lhe a vida, nem por isso ele foi menos digno de ganhar a palma do martírio.

Recapitulação

1. Eis um resumo do percurso espiritual deste Santo:

– A infância constituiu para ele uma época bem aproveitada de sementeira;

– durante a adolescência começaram a desenvolver-se belos frutos duma vida edificante e exemplar.

– Na segunda comunidade religiosa procedeu a uma clarificadora transformação da vida espiritual:

– Aí, no novo mosteiro, entregou-se ao piedoso exercício da oração sem descurar o interesse pela leitura,

– e despontou nele o desejo ardente de sofrer o martírio, sendo esse o principal motivo de se transferir para a Ordem dos Frades Menores.

– A mudança de instituto proporcionou-lhe a ideia de mudar o nome até ali usado,

– e abriu-lhe um caminho mais apropriado para sofrer por Cristo,

– mas sobretudo firmou-o no propósito de em tudo cumprir a vontade divina.

Analisando atentamente este itinerário espiritual, aqui resumido, com toda a clareza se verifica quão perfeita foi a conversão deste servo do Senhor ao estado religioso, e como ele ao mesmo Senhor se dedicou do modo mais pleno e mais sublime.

CAPÍTULO VI

Provações na vida eremítica

1. No recesso do seu cubículo, António ocupava-se dia e noite na actividade da oração: ora suplicando ao Pai, ora interpelando o Juiz, ora conversando com o Amigo; além disso, implorava sem desfalecimento em favor dos pecadores e de todos os cristãos fiéis.
2. Segundo parece, mesmo no remanso da cela teve de aguentar repetidas vezes assaltos e ataques de demónios, empenhados em impedi-lo de se dedicar à santa oração.

CAPÍTULO VII

A sua profunda humildade

1. Certo dia foi ter com o guardião, fazendo-lhe um pedido a título de grande favor: que o encarregasse de lavar os utensílios da cozinha e de varrer todos os dias os aposentos dos irmãos. É que, segundo ele mesmo confessava, não se sentia com jeito para mais nada... Passou a desempenhar essas tarefas com muita humildade e devoção, apesar de ser em verdade um vaso escolhido e adornado de muitos dons do Espírito Santo.
2. Os irmãos nem sequer sonhavam com a possibilidade de ele saber grande coisa da Sagrada Escritura; apenas um pormenor os levava a suspeitar e os intrigava: já uma ou outra vez o tinham ouvido citar breves frases em latim, quando a necessidade a isso obrigava, e conhecia perfeitamente tudo quanto dizia respeito aos deveres eclesiásticos.

CAPÍTULO VIII

Vocação para o apostolado

1. Finalmente, por disposição do Senhor, que em sua clemência faz falar os mudos e torna eloquente a língua das crianças², o servo de Deus Ant3nio foi delegado pelo mesmo Senhor como seu mensageiro de salvaç3o. Vocaç3o id3ntica à do profeta Isaías, a quem foi dito: «*Grita com força; não te cales! Faz ressoar a voz com a estridência duma trombeta, a mostrar ao meu povo as suas iniquidades*»³. 2. Também se pode comparar a sua actuaç3o à daquele criado da parábola evangélica, enviado pelo patr3o à hora do banquete a recomendar aos convidados para não se demorem, pois tudo estava preparado. De forma id3ntica, quando Deus achou conveniente, deu ordem de avançar ao seu servo Ant3nio, pronto a desempenhar qualquer serviço – embora até aí, como já salientámos, tivesse levado uma vida eremítica. 3. Foi igualmente o Senhor quem procedeu à investidura solene deste pregador admirável, Ant3nio, como acontecera com Paulo, a fim de também ele lhe levar o nome até aos soberanos, aos príncipes da terra e a todos os povos.

4. Como é admirável a providência do nosso Deus a respeito dos vermes insignificantes que nós somos! Àquele banquete acima referido convidou-nos o Senhor primeiramente pelos antigos Patriarcas e Profetas, em segundo lugar pelo próprio Filho Unigénito e pelos santos Apóstolos, em terceiro lugar pelos santos Doutores da Igreja, e ultimamente pelos seus servos Francisco e Ant3nio e outros pregadores, enviando-os a este mundo em acen-tuado declínio.

²Cf. Sab 10, 21

³Is 58, 1

CAPÍTULO IX

Ainda a humildade e dotes oratórios

1. A respeito das qualidades de António, sobressaía nele uma humildade nunca vista, um rebaixamento inconcebível, um desprezo extraordinário de si mesmo. A maior parte dos letrados pretendem passar por mestres mesmo antes de serem discípulos, repimpendo-se nas cátedras como quem se senta a uma mesa para comer, atroando palavras bombásticas a pessoas que na maioria dos casos nem as percebem. 2. Com António dá-se exactamente o contrário: embora conhecendo perfeitamente todas as páginas sagradas, prefere passar despercebido no meio da gente simples e sem cultura, mais do que dar nas vistas entre sábios e doutores.

3. Daí o ter-se adaptado tão bem às lides da cozinha e gostar tanto de conviver com o povo humilde, de preferência a sentar-se em cátedras doutorais.

4. Uma vez assumido o encargo de pregar o Evangelho, este servo fiel e competente preocupou-se em exercê-lo com suma eficácia e delicadeza. Nesse fito, quase não dava descanso ao corpo, peregrinando por cidades, aldeias e castelos: convencia os descrentes, estimulava os devotos, reprendia os malvados. Numa linguagem fluente e inflamada, a todos dirigia a doutrina e os conselhos mais apropriados. 5. Às pessoas cultas expunha conceitos mais profundos e difíceis; com as de mediana cultura falava em linguagem mais acessível; e aos auditórios mais rudes expunha os assuntos com tal clareza, que por assim dizer lhes metia as coisas pelos olhos dentro.

6. Jamais se deixava aliciar por influências de poderosos ou subornar por lisonjas interesseiras, nem tão-pouco sensibilizar por aplausos do público. 7. Pelo contrário, quer se dirigisse a auditórios distintos ou vulgares, invariavelmente expunha a doutrina com a mesma isenção, atingindo a todos com os dardos da verdade.

8. Parecia um outro Elías, inflamado pelo zelo de Deus, a adejar para o alto como uma labareda: também este servo do Senhor, com

a chama da palavra fascinante, ardente, incandescente, aquecia e queimava os corações dos ouvintes, estivessem eles apenas mornos e entorpecidos, ou já enregelados e tenebrosos.

CAPÍTULO X

O seu profundo conhecimento da Bíblia

1. Com todo o mérito este homem pôde ser denominado «*Arca do Antigo e do Novo Testamento*». Era de facto um conhecedor profundo da Bíblia, por um lado devido ao seu esforço pessoal em a assimilar, e por outro lado pela intervenção da graça do Espírito Santo. De resto, de nada valeria uma coisa sem a outra.

2. A verdade é que, como expressamente referiram pessoas que o conheceram bem e conviveram de perto com ele, trazia constantemente entre mãos o Antigo e o Novo Testamento, qual um segundo S. Jerónimo, o venerável Doutor da Igreja. Também o nosso Santo sabia de cor o texto bíblico com tal exactidão, que, se esse texto viesse a levar sumiço ou a extraviar-se, como aconteceu no tempo de Esdras quando ele o reconstituiu – praza a Deus que tal não volte a acontecer! – Santo António, com a assistência do auxílio divino, seria também capaz de o escrever de novo por inteiro, palavra por palavra, de modo a restituí-lo ao estado original.

3. Que mais dizer? Não havia frase das Santas Escrituras que este servo do Senhor ignorasse. 4. Além disso também era dotado de capacidade para explicar cada página sagrada em qualquer dos quatro sentidos possíveis, a saber: o sentido alegórico, o histórico, o tropológico e o anagógico, tal qual como fazia S. Gregório, desde que disso houvesse necessidade.

5. Quem poderia celebrar condignamente e tecer os devidos louvores a uma figura tão eminente? De facto, quase desde o princípio da sua carreira ele se mostrou a todos os servos de Deus como exemplo

de perfeita contemplação,

de profunda humildade,
de obediência pronta,
de zelo ardente pelo bem das almas,
de rectidão absoluta,
de discreta justiça,
de extrema austeridade em domar a carne,
de grande honra para a sua família religiosa.

CAPÍTULO XI

Santo António doutor e prelado

1. Seria demasiado longo especificar a extraordinária actividade de Santo António: as inúmeras regiões e partes da terra que percorreu e fecundou com a semente da Palavra; ou quantos e quão importantes conventos da Ordem tornou célebres com leccionamentos, debates teológicos e pregações. A isso o levava o zelo da fé e a ânsia de salvar almas; a tanto o induzia o gosto de instruir os irmãos; a tudo o estimulava o desejo ardente de honrar a família religiosa a que pertencia, e que nessa altura se encontrava bastante desacreditada por falta de preparação cultural.

2. Foi ele, efectivamente, o primeiro mestre da Ordem a ser nomeado reitor duma faculdade de teologia, e isso nem mais nem menos do que em Bolonha, onde florescia uma universidade de todas as modernas ciências liberais – era nessa época o centro de estudos mais famoso e importante da região cisalpina. Daí o acharem os irmãos oportuno escolher para professor aquele que para tal se afigurava o mais competente — Frei António.

3. Por ocasião do Capítulo Geral de Assis, quando se procedia à trasladação dos restos mortais do Pai S. Francisco, António foi dispensado do cargo de ministro dos irmãos. 4. E se em questão de cultura e eloquência não haveria quase ninguém em toda a Itália que lhe chegasse aos calcanhares, por outro lado, no desempenho do ofício de superior, era extremamente cortês.

5. Recebeu, por fim do Ministro Geral a faculdade de pregar livremente em qualquer lugar. Um instinto divino orientou-o para a cidade de Pádua, onde em tempos passados já experimentara como era sólida, sublime, sincera e a toda a prova a devoção do povo para com ele.

CAPÍTULO XII

Pormenores da sua pregação em Pádua

1. Embora o povo afluísse à pregação do servo de Deus vindo de toda a parte e aglomerando-se em massa compacta, como gotas de água das chuvas, apesar disso não se ouvia o mínimo rumor por parte dessa multidão comprimida em seu redor. 2. Nunca tão-pouco se verificava qualquer risota ou falta de respeito, ou uma pessoa a cochichar com o vizinho, ou crianças a berrar, ou alguém a perturbar de qualquer forma a pregação... 3. Estavam todos suspensos da palavra do servo de Deus, de olhos fixos nele sem pestanejarem, sem fazerem caso de qualquer incómodo: com a máxima devoção atendiam à sua palavra, como se do céu tivesse descido um espírito angélico em figura de homem a pregar àquela multidão imensa ali reunida.

4. Havendo-o Deus cumulado duma graça tão extraordinária, não era de estranhar que todos conseguissem ouvir e compreender perfeitamente a pregação, dada a sua linguagem fluente e viva, a voz clara e melodiosa – uma espécie de trombeta divina.

5. Fenómeno ainda mais admirável, se considerarmos o facto de António ser oriundo de terras muito distantes e de lá ter sido educado durante muito tempo. Pois não obstante isso, falava a língua italiana com tal perfeição como se nunca tivesse vivido noutro país.

CAPÍTULO XIII

Os flagelantes

1. Foi nessa quadra histórica que pela primeira vez começaram a reunir-se e formar-se procissões de pessoas a flagelarem-se e a entoarem com devoção cânticos religiosos. Esta prática piedosa, cuja origem remonta à iniciativa de um Santo tão célebre, tomou nesses dias em Pádua um novo impulso, e tornou-se uma tradição ainda hoje seguida com o máximo fervor em quase todas as regiões da Itália.

Recapitulação

2. Oh! varão admirável!
Doutor insigne!
Pregador inflamado!
A autoridade dos superiores, ao enviarem-no, defende-o e fortalece-o.
Se o demónio lhe arma ciladas e prepara tropeços, a Mãe do Senhor acorre a defendê-lo.
A graça de Deus dirige-o e conforta-o.
O entusiasmo do povo acompanha-o e anima-o.
A bondade divina realiza e manifesta milagres em torno dele,
e, graças à sua pregação, produz nas almas maravilhosos e abundantes frutos.

CAPÍTULO XIV

Zelo contra hereges e heresias

I. – INCANSÁVEL MARTELO DE HEREGES

1. A preocupação dominante do servo de Deus António foi sempre esta: combater incansavelmente, até arrancar pela raiz e extirpar por completo essas ervas daninhas dos hereges e suas falsas doutrinas, os quais com astúcia de raposas destruía a vinha do Senhor do universo.

2. Também se defrontou em debates públicos com alguns corifeus de heresias, designados por heresiarcas, em Rimini, Toulouse e Milão, e a todos reduziu ao silêncio, refutando-lhes os erros perante numerosas assistências. 3. Escudava-se para isso em eficazes argumentos bíblicos, além de se apoiar em raciocínios lúcidos e sólidos. Assim, se alguém andava envolvido na teia de qualquer maldita heresia, nem sequer se atrevia a apresentar-se diante dele, e muito menos a abrir a boca à sua frente. Desta forma se verificava a seu respeito com absoluta propriedade aquela palavra de promessa dirigida pelo Senhor aos discípulos: *«Eu vos darei palavras e sabedoria a que nenhum dos vossos adversários poderá resistir, nem será capaz de contradizer»*⁴.

4. Destarte, previamente esclarecido por iluminação divina, o servo de Cristo era capaz de descobrir com perspicácia as artimanhas desses raposos e desmascarar-lhes a perversidade das falácias diabólicas. E assim conseguia esmagar as abomináveis e detestáveis heresias com tanta gana, que, como ele mesmo afirmava publicamente, não haveria em toda a vastidão da terra ninguém que naqueles tempos desencadeasse contra os erros dos hereges uma tempestade de perseguição tão tenaz e persistente. Daí ter-se vulga-

⁴Lc 21, 15.

rizado a seu respeito a expressão que o qualificava como infatigável «*martelo de hereges*».

5. Em resultado de tal campanha, alguns deles regressavam, em companhia dos respectivos caudilhos, à obediência e à unidade da Igreja. Como prova disso, atestada por um milagre, além daquele heresiarca chamado Bonovillo a quem ele em Rimini converteu à verdadeira fé, vou referir agora o caso dum outro pérfido herege, também recuperado da heresia por intermédio de Santo António mediante um prodígio estupendo.

II. – COMO SE CONVERTEU UM HEREGE

6. Na região de Toulouse travara o nosso Santo acalorada discussão com um pérfido herege acerca do sacramento salvífico da Eucaristia. Já quase o tinha convencido e atraído à fé católica, quando o renegado, depois de muitos e variados argumentos aduzidos para tentar esquivar-se, rematou: 7. «Mas deixemo-nos de palavreado e vamos a argumentos concretos. Se tu, António, conseguires provar-me por meio dum milagre que no sacramento da comunhão dos fiéis está presente, embora oculto, o Corpo de Cristo, eu prometo abjurar por completo de toda a minha descrença, dar-me-ei por vencido e submeter-me-ei imediatamente à fé católica».

8. Cheio de fé, o servo do Senhor respondeu: «Tenho plena confiança no meu Salvador Jesus Cristo: pela sua misericórdia alcançarei dele o que pretendes, para conversão tua e de outros».

9. Tomou então a iniciativa o referido herege. Pedindo silêncio com um gesto de mão, apresentou a seguinte proposta: «Durante três dias vou ter preso um jumento e aguçar-lhe o apetite não lhe dando nada que comer. Passados esses três dias soltá-lo-ei na presença do povo e apresentar-lhe-ei uma boa ração, enquanto tu te pões do outro lado com isso que dizes ser o Corpo de Cristo. Se o animal esfomeado não fizer caso do alimento e começar por adorar o seu Deus, eu prometo acreditar sinceramente na fé da Igreja».

10. Cheio de confiança, o padre concordou logo. E o herege, por sua vez, voltou a chamar a atenção: «Ouçam todos muito bem!»

11. Não vale a pena entrar em mais pormenores. Chegou o dia previamente fixado para o desafio. De toda a parte acorre muita gente, apinhando-se na espaçosa praça. Lá está o servo de Cristo, António, rodeado por compacta multidão de fiéis; e lá aparece também o herege, apoiado pela caterva detestável dos seus cúmplices. 12. Numa capela situada ali perto, o servo de Deus paramentou-se para a cerimónia, e com grande devoção avançou para celebrar a missa. 13. No fim da celebração saiu, para o meio do povo em ansiosa expectativa, trazendo com toda a reverência o Corpo do Senhor. O asno esfomeado é conduzido do recinto onde estava preso, e é-lhe apresentada uma apetitosa ração.

14. Então, pedindo silêncio, o homem de Deus com muita fé intimou o animal nestes termos: «Pelo poder e em nome do teu Criador, a quem eu, embora indigno, tenho verdadeiramente em minhas mãos, ordeno-te que sem demora te aproximes com humildade e lhe prestes a devida reverência. A ver se dessa forma os malvados hereges se capacitam definitivamente de que toda a criatura está sujeita ao Criador, a quem a dignidade sacerdotal tem entre as mãos sobre o altar». 15. Ainda ele não tinha sequer terminado estas palavras e já o animal, sem ligar importância à ração, se aproximou do sacramento vivificante do Corpo de Cristo, e diante dele se inclinou, baixando a cabeça até aos joelhos, e genuflectiu. 16. Daí resultou uma alegria indescritível para os fiéis católicos, e tristeza e confusão para os hereges e descrentes. Assim Deus é bendito e louvado; a fé católica é enaltecida e honrada; a malvadez herética é confundida e condenada a opróbrio eterno. 17. O referido herege ali abjurou publicamente da sua heresia e passou a prestar obediência leal aos preceitos da Santa Igreja.

III. – ENCÓMIO DO SANTO EVANGELIZADOR

18. Quero crer que não haveria coração,
por mais empedernido e inflexível,

duro como o diamante ou rijo como o ferro,
que se não sentisse inteiramente amolecido
e soluçando de arrependimento
ao ouvir ameaças tão duras e terríveis
sobre as penas do inferno,
que António, insigne arauto de Cristo,
sabia representar ao vivo;
ou então ao vislumbrar,
a partir das suas palavras doces e melífluas,
as alegrias do paraíso,
as quais ele se empenhava em descrever
com toda a vivacidade
– verdades que com fervor de espírito e com eficiência
emanavam daquela boca amante da verdade
e cheia de Deus.
Além disso,
ninguém deixaria de se sentir inclinado a praticar o bem,
ao observar os milagres extraordinários
que ocorriam a todo o momento
por ele se deixar dirigir em tudo
pela graça de Jesus Cristo.

19. A respeito de milagres, afigura-se-me oportuno referir alguns, da forma mais sintética possível.

CAPÍTULO XV

Milagres

I. – UM SERMÃO ENTENDIDO EM DIVERSOS IDIOMAS

1. Encontrando-se o homem de Deus na Cúria Romana ocupado em assuntos referentes à Ordem, aconteceu reunir-se lá uma enorme multidão de gente de ambos os sexos e de diferentes línguas, no intuito de ganharem as indulgências das solenidades pascais.

2. Por incumbência do Sumo Pontífice, estava ele a pregar solenemente a esses peregrinos, e eis que a graça do Espírito Santo, tal como acontecera aos Apóstolos no dia do Pentecostes, realizou a maravilha de lhe tornar as palavras tão sublimes e encantadoras, que cada um dos ouvintes o escutou perfeitamente e compreendeu com toda a clareza na linguagem da terra onde nascera e aprendera a falar. Assim o confirmaram mais tarde como absolutamente certo muitos desses ouvintes.

II. – VISTO AO MESMO TEMPO EM LUGARES DIFERENTES

3. No tempo em que o Santo ensinava teologia em Montpellier, aconteceu uma ocasião estar a pregar numa solene festividade, em presença de clero e muito povo. Só depois de ter iniciado o sermão lhe ocorreu que se tinha esquecido de pedir a algum confrade do seu convento para o substituir no desempenho de determinada incumbência. 4. O caso é que havia aí o costume de nas principais solenidades o *Alleluia* da missa conventual ser cantado por dois dos irmãos mais categorizados; a participação nesse canto era a tal obrigação que na altura incumbia ao servo de Deus.

5. Muito penalizado com tal esquecimento, inclinou-se sobre o púlpito e cobriu rapidamente a cabeça com o capuz, como se pretendesse dormir um pouco. Nesse momento exacto apareceu ele no coro do convento de Montpellier a entoar o *Alleluia* de parceria com o irmão com quem lhe competia cantar. Entretanto o corpo de Santo António continuou no púlpito durante bastante tempo, pelo espaço de uma longa caminhada, à vista de enorme multidão.

6. Uma coisa é certa: Assim como Deus omnipotente se dignou transferir o exímio doutor Santo Ambrósio ao funeral de S. Martinho e transportar o Pai S. Francisco ao Capítulo Provincial de Arles enquanto Santo António aí pregava acerca do título triunfal da cruz, da mesma forma permitiu que com o nosso Santo se verificasse um prodígio idêntico, dando a entender em certo modo que ele não era inferior em mérito aos outros santos padres.

7. Cumprida, pois, a sua obrigação conventual, o Santo logo voltou a si e prosseguiu de forma arrebatadora o sermão que começara.

III. – CURA DUM MENINO PARALÍTICO

8. No regresso duma pregação, resolveu certa feita o humilde servo de Cristo escolher um caminho secundário, a fim de se esquivar a aplausos da multidão que também voltava a suas casas. Por sua vez, uma mulher anónima, ansiosa por encontrar-se com o Santo, meteu-se também através desses caminhos ínvios. Ao deparar com ele, depôs-lhe aos pés um filhinho, tolhido desde nascença de braços e pernas, suplicando-lhe com gemidos e lágrimas que se dignasse abençoar a criança com o sinal da cruz. 9. Esperava firmemente que com essa bênção o menino seria imediatamente curado.

10. Dotado como era de profundíssima humildade, o servo de Cristo tentava esquivar-se; mas ela, exagerando cada vez mais o pranto e os gemidos de súplica, continuava a gritar com insistência: «Senhor padre António, tem piedade de mim!» 11. Por fim, o piedoso padre, compadecido da aflição da mãe e da doença do filho, e ainda por cima solicitado pelo companheiro Frei Lucas, um homem de reconhecida bondade, abençoou o doente pelo poder e em nome de Cristo, traçando sobre ele o sinal da cruz.

12. E o milagre deu-se: o pequeno, curado, conseguiu logo erguer-se. Na vinda, tinha sido trazido pela mãe acabrunhada; agora regressava a casa por seus próprios pés, em companhia da mãe, toda contente. 13. O Santo, porém, não atribuiu o prodígio aos próprios méritos, mas sim à fé da mulher. Recomendou-lhe, no entanto, que a ninguém referisse o acontecimento enquanto ele fosse vivo.

IV. – CURA DUMA MENINA PARALÍTICA E EPILÉPTICA

14. Uma menina de quatro anos, chamada Paduana, era paralítica de pernas e só conseguia deslocar-se rastejando como uma serpente. Além disso, por sofrer de epilepsia, com frequência se revolteava no chão, e, com a boca espumando, contorcia-se toda. Causava pena! 15. Sucedeu certa ocasião que o pai dela, chamado Pedro, a levava ao colo, quando por acaso se encontrou com o padre Santo António, no regresso duma pregação.

16. O nosso Pedro logo o abordou com muita devoção, e começou a pedir-lhe encarecidamente que lançasse à criança, com o sinal da cruz, uma bênção vivificante. 17. Reconhecendo o piedoso Santo a sinceridade da fé daquele pai, traçou sobre a menina uma cruz, desde a cabeça aos pés, e logo ela ficou completamente liberta dos achaques de que era vítima.

V. – UM LODAÇAL QUE NÃO SUJOU A ROUPA
NEM A DONA

18. Certa senhora nobre de Pádua – como sabemos por testemunho do próprio filho, que veio a ser membro da nossa Ordem – ia enquadrada num grande grupo de pessoas a acompanhar Santo António, quando ele uma ocasião se dirigia a um descampado para pregar. Ao passarem por uma viela estreita, naquele aperto incontido dos transeuntes, a senhora caiu a um lodaçal imundo.

19. No momento da queda desastrosa, preocupada não só com o perigo da própria vida, mas até com o vestido precioso que nessa ocasião estreava, encomendou-se com muita fé a Deus e a Santo António, para que a guardassem e defendessem. Além disso, também receava incorrer na indignação do marido, se voltasse a casa com o vestido emporcalhado. 20. Mas não tardou a verificar-se o patrocínio do Santo, concedendo à mulher o que ela desejava. Coisa admirável! Quando consegui sair do lamaçal, a senhora tinha a roupa e o corpo completamente limpos! Foi um espanto para quantos a tinham visto cair. Todos por isso exaltavam e diri-

giam louvores a Deus e a Santo António, enquanto ela, exultante de alegria, continuou a viagem para o local da pregação.

VI. – PREGAÇÃO ESCUTADA E PERCEBIDA A GRANDE DISTÂNCIA

21. Outra piedosa senhora de Pádua, ansiosa por acompanhar o homem de Deus quando ele se dirigia a um descampado para aí semear a Palavra da Vida, viu-se impossibilitada de ir devido a doença do marido: teve de ficar em casa, debulhada em lágrimas de tristeza. 22. Andando ela no solário do prédio, ocorreu-lhe a ideia de ir espreitar a uma janela, que lhe parecia voltada para o sítio onde àquela hora o Santo estaria a pregar. Para esse lado se pôs a olhar com devoção, a fim de ao menos ter o gosto de ver o local onde lhe era impossível estar presente.

23. E aconteceu a maravilha: enquanto ela, sem pensar em mais nada, persistia assim de olhar fixo, de repente, por intervenção daquele que sempre atende os bons desejos, começou a chegar-lhe aos ouvidos a voz do Santo a pregar. 24. Fascinada pela suavidade maravilhosa daquela voz, demorou-se bastante tempo à janela, a ponto de o marido ter de lhe chamar a atenção. Ela desculpou-se, respondendo: «É que estou a ouvir o padre António a pregar!»

25. O marido não pôde deixar de pensar, nem se coibiu de lhe dizer, que isso não passava duma tolice: era absolutamente impossível escutar a voz dum homem a falar a mais de três quilómetros, que era a distância entre aquele sítio e o lugar da pregação. Mas como ela teimava na sua, o marido resolveu assomar também à janela, para se certificar se era verdade o que a mulher afirmava. 26. E conseguiu da mesma forma, por mérito da esposa fiel, perceber nitidamente a voz do Santo. Deu por isso imensas graças a Deus e ao padre António. 27. Daí em diante tornou-se especial amigo do servo de Deus, e nunca mais pôs o mínimo obstáculo à devoção da boa esposa.

VII. – RECAPITULAÇÃO

28. Eia, pois, ó famoso pregador e notável taumaturgo! Doravante devem aderir com toda a confiança aos ensinamentos da tua pregação todos quantos queiram passar deste mundo à felicidade prometida da vida eterna. Pois esses teus ensinamentos, o próprio Senhor Jesus Cristo, rei dos céus, se dignou aprová-los e confirmá-los

com inumeráveis conversões de hereges,
 com a reverência dum animal ao sacramento eucarístico,
 com uma inaudita linguagem percebida em várias línguas,
 com a prodigiosa ubiquidade em Montpellier,
 com a recuperação instantânea dum menino tolhido,
 com a cura duma menina paralítica e epiléptica,
 com a nobre dama a quem o lodaçal não sujou,
 e enfim com a tua voz a ser ouvida a enorme distância.

VIII. – FRUTOS DA PREGAÇÃO

29. A Palavra de Deus saía da boca deste exímio pregador de Cristo como labaredas duma fornalha ardente. Nos seus sermões, a todos estimulava a uma profunda devoção da mente, ao arrependimento do coração e à renúncia ao pecado. Atingia tão em cheio o mais recôndito das almas, que cada um desabafava com o seu vizinho, suspirando e lamentando-se, em expressões como estas: «Ai de mim, miserável, pois nunca sequer sonhei que isto fosse pecado, senão agora! Se o soubesse antes, nunca o teria cometido... Deus me livre!»

30. Outros propunham mutuamente diversos actos de reparação: «Meu caro amigo, se achares bem, depois de nos confessarmos, vamos em peregrinação a Roma, ou a Santiago, a visitar as sagradas basílicas dos Apóstolos». Ou então: «Vamos fazer esta ou aquela mortificação em honra da Virgem Maria». Assim, com semelhantes expressões de devoção, cada um estimulava o outro a obras mais valorosas. 31. Quem poderia avaliar quantas lágrimas

então se derramavam, quantos suspiros saíam do fundo dos corações, como repetidas vezes batiam no peito pecadores outrora obstinados? Quem seria capaz de descrever tudo isto caso a caso?

IX. – MAIS CONVERSÕES DE PECADORES

32. O Senhor agraciou de tal modo este seu Santo, que ele não só se notabilizou dia a dia com milagres usuais, mas brilhou ainda por meio de certos prodígios inauditos naquele tempo.

33. Consta que S. Nicolau apareceu em sonhos ao imperador Constantino a dissuadi-lo em absoluto e a proibi-lo terminantemente, até com ameaças, de ele matar uns inocentes que ainda conservava presos. Também o nosso Santo não se poupou a trabalhos para restituir à liberdade quantos descobria estarem pelo demónio detidos nas masmorras do pecado, condenados assim à morte eterna.

34. Tenho motivos para fazer esta afirmação. De facto, ainda durante a sua vida terrena, muitas pessoas iam ter com os frades e afirmavam com profunda convicção que, alta noite, enquanto dormiam em suas camas, lhes aparecera o Santo a intimar-lhes: «Levanta-te, Martinho! Põe-te a pé, Inês! Vai ter com o frade Fulano ou com o padre Sicrano, e confessa-lhe tal ou tal pecado, que cometeste em tal ocasião e em tal lugar...» – pecados que aliás ninguém conhecia senão Deus. 35. Por meio de semelhante expediente muitos pecados ocultos foram confessados e perdoados no sacramento da Penitência.

X. – REINSERÇÃO DUM PÉ AMPUTADO

36. Como resultado, exactamente, duma confissão, ocorreu um grande e portentoso milagre, impossível de deixar de referir.

37. Um tal Leonardo, habitante de Pádua, confessou-se uma ocasião ao homem de Deus de vários pecados cometidos, e entre eles o de ter dado um pontapé à própria mãe, com tal violência que ela caiu por terra de forma desastrosa. Detestando em absoluto qual-

quer atitude de malvadez, Santo António, numa expressão cheia de fervor de espírito, e no intuito de provocar um sincero arrependimento, comentou: «Um pé que se atreve a atacar o pai ou a mãe, mereceria ser imediatamente decepado!»

38. Na sua simplicidade, o homenzinho não compreendeu o sentido e o alcance da advertência. Acabrunhado pelo remorso da culpa e pela expressão severa do Santo, quando voltou para casa, a primeira coisa que fez foi amputar o pé culpado. A notícia dum castigo tão cruel espalhou-se num ápice por toda a cidade, e não tardou a chegar aos ouvidos do servo de Deus. 39. Imediatamente correu a casa do mutilado, e depois duma oração angustiada mas cheia de confiança, encostou o pé decepado ao coto sangrante, enquanto ao mesmo tempo fazia o sinal da cruz. 40. Oh! maravilha! Mal o Santo fez aderir o pé à respectiva perna, selando a operação com o sinal da cruz, e passando em seguida suavemente por cima as mãos sagradas, no mesmo instante o pé do homem ficou perfeitamente unido à perna, a ponto de ele logo se erguer, alegre e incólume, e se pôr a andar e a pular, louvando e glorificando a Deus e rendendo infinitas graças a Santo António por tê-lo curado duma forma tão admirável.

XI. – PROTESTO DESASSOMBRADO CONTRA UM TIRANO

41. Seria tão-pouco inconcebível deixar de referir um outro acontecimento em que interveio o nosso servo de Deus.

42. Aquele déspota arrogante e pérfido, o cruel tirano Ezzelino da Romano, nos princípios do seu despótico domínio tinha levado a cabo em Verona uma enorme carnificina de homens. Informado do sucedido, o nosso intrépido Santo atreveu-se a ir pessoalmente enfrentá-lo na cidade onde ele residia.

43. Começou por apostrofá-lo com estas palavras: «Ó inimigo de Deus, cruel tirano, cão raivoso, até quando continuarás a derramar sangue inocente de cristãos? A sentença de Deus impende

sobre ti, terrível e duríssima!» 44. E lançou-lhe em rosto muitas outras invectivas extremamente ásperas e graves. Os guardas que faziam escolta ao déspota estavam à espera de que ele, como aliás era seu costume, o mandasse trucidar ali mesmo.

45. Mas, por disposição divina aconteceu outra coisa. Tocado pelas palavras inflamadas do homem de Deus, esse criminoso renunciou a toda a ferocidade e tornou-se manso como um cordeiro. Pôs ao pescoço o cinturão, e prostrando-se diante do representante de Deus, confessou humildemente os seus desvarios, comprometendo-se a reparar os danos causados, segundo o critério do Santo.

46. E acrescentou, dirigindo-se aos camaradas de armas: «Não vos espanteis com esta minha atitude. Vou ser totalmente franco convosco: do rosto deste padre vi irradiar um tal fulgor divino, que fiquei abalado perante essa visão terrível, a ponto de me parecer que iria imediatamente parar às profundezas do inferno».

47. Daí em diante Ezzelino mostrou sempre pelo Santo a máxima consideração, e enquanto ele viveu absteve-se de cometer muitas atrocidades que noutras circunstâncias teria perpetrado, conforme ele mesmo reconhecia.

XII. – ELOGIO DOS SEUS DOTES APOSTÓLICOS

48. O nosso Santo pode ter sido de algum modo prefigurado no venerável patriarca Jacob, a respeito do qual fez este rasgado elogio seu pai Isaac – que bem poderia prefigurar o Pai S. Francisco: «*A fragrância do meu filho é como o perfume dum pomar carregado de frutos e abençoado pelo Senhor*»⁵. 49. No meu entender, a graça da bênção divina também regou este campo e o tornou

⁵ Gn 27, 27.

fecundo em múltiplos e perfumados frutos de virtudes, de modo a torná-lo

excepcional em humildade,
brilhante em sabedoria,
facundo em eloquência,
ardente na caridade,
notável na pobreza,
distinto em delicadeza,
excelso em rectidão,
delicado no falar,
manso na convivência:
numa palavra, em tudo simpático
tanto a Deus como aos homens.

XIII. – A SUA ADMIRÁVEL DISCRIÇÃO

50. Com inteira razão ensinou o Filósofo moralista que a discrição ou ponderação é mãe e guia das demais virtudes. E o servo do Senhor

em todas as suas pregações,
nas conferências especiais ao clero,
a quem o abordava a pedir conselho
ou a fazer a confissão dos pecados,
e em geral em qualquer acção ou iniciativa,
tanto se empenhava em usar de discrição,
de tal modo a procurava todos os dias
e a todos incitava sempre a conquistá-la,
que nada nele se poderia ver
nem algo se poderia sequer perceber
que não fosse temperado e acompanhado
com o sal dessa virtude.

XIV. – RECAPITULAÇÃO

51. Em conclusão, qualquer fiel pode recorrer com plena segurança a este pai santíssimo. Enquanto ele vivia na terra, a

todos, sem discriminação de pessoas, tentava libertar do estado de pecado, e não se cansava de ajudar a quem quer que lhe dirigisse qualquer pedido. Tão-pouco após a morte deixou de nos socorrer, como facilmente podemos constatar.

52. Assim é que

na pregação, trespassava os corações dos pecadores;
suscitava neles, por graça de Deus, desejos de salvação;
aparecia-lhes miraculosamente
enquanto dormiam na cama,
e com muita delicadeza os convidava
a confessarem pecados ocultos.
Fez o prodígio de reinserir um pé levemente
amputado;
com o rosto a brilhar de santo zelo,
inculpou com aspereza um tirano;
mas sempre, na medida do possível,
se mostrava atencioso com todos
a fim de os atrair para o bem.

CAPÍTULO XVI

Viagem para Camposampiero e para o Céu

1. No decurso de toda aquela Quaresma, e ainda depois até ao Pentecostes, ele distribuiu ao povo de Pádua o alimento da Palavra de Deus. Ao aproximar-se o tempo da colheita, retirou-se para uma localidade isolada chamada Camposampiero, no intuito de se dedicar com mais calma, como numa espécie de férias, à oração e ao estudo da Sagrada Escritura.

2. O dono dessa propriedade, chamado Tiso, era muito afeiçoado aos Frades Menores, a quem sustentava à sua custa. Por isso acolheu António com todas as atenções, como se ele fosse um anjo enviado por Deus. 3. A pedido do hóspede, Tiso mandou preparar, na copa duma nogueira larga e frondosa, três celazinhas de esteiras, onde António e seus dois virtuosos companheiros, Frei Lucas e

Frei Rogério, pudessem com toda a tranquilidade entregar-se à oração e à contemplação.

4. Dentro em pouco, porém, começou a sentir-se cada vez mais debilitado, e por isso pediu que o levassem para o convento de Pádua. 5. Todavia, como vinha muita gente ao seu encontro, a sua humildade constrangeu-o a fugir de tais honras e aplausos e a refugiar-se numa residência dos irmãos que estavam ao serviço do Mosteiro das Senhoras Pobres, fora da cidade de Pádua. 6. Entretanto, a doença foi-se-lhe agravando. E aí mesmo, depois de proferir algumas palavras de edificação e de mostrar sinais de devoção, a sua alma santíssima passou deste mundo ao Pai.

7. O total dos anos de vida de Santo António foi de trinta e seis. 8. Na casa paterna viveu quinze anos; passou dois no Mosteiro de S. Vicente, e nove no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

9. Por fim, na Ordem de S. Francisco completou dez anos, tornando-se famoso por numerosos sinais e prodígios.

CAPÍTULO XVII

Logo após a morte, aparece a um amigo para o curar

1. No próprio dia do falecimento do Santo, encontrava-se o então célebre abade de Vercelli recolhido em seu gabinete, ocupado a fazer leitura espiritual e meditação.

2. Durante a vida do Santo, firmara-se entre os dois uma recíproca e profunda amizade, por duas razões: primeiro, por Santo António, em tempos passados, lhe ter dado lições de Sagrada Escritura; depois, o abade, por sua vez, tinha-o também iniciado em verdades sublimes e piedosas das obras de S. Dionísio. 3. Por falar nisto, o referido abade fez um dia o seguinte comentário, extremamente elogioso: «Frei António, da Ordem dos Frades Menores, iluminado pela graça da luz divina, assimilou plenamente o sentido místico da teologia».

4. O servo do Senhor entrou inesperadamente no referido gabinete do amigo, e após troca de saudações mútuas e cordeais, informou-o: «Senhor abade, acabo de deixar em Pádua o meu asno, e estou com pressa de seguir para a minha pátria». 5. Como sabia que o amigo se achava muito mal da garganta, passou-lhe delicadamente a mão pela parte afectada e no mesmo instante o curou da doença. Sem mais, desapareceu-lhe da vista.

6. O abade julgou que ele tencionava regressar à pátria onde nascera, pois ignorava por completo o seu santo passamento. Por isso imediatamente se levantou, com intenção de o deter ao menos por mais uns instantes; e a quantos serviçais do mosteiro encontrava ia perguntando ansiosamente onde é que parava Frei António. Todos, porém, num semblante de espanto, lhe respondiam simplesmente que não sabiam... 7. Insistindo o abade, a pé junto, que o vira perfeitamente, que ele lhe entrara no gabinete a dizer que estava com pressa de regressar à pátria, e logo saíra, havia apenas uns instantes, mandou que alguém fosse ao convento dos frades a saber se tinham alguma notícia da chegada dele.

8. Como ninguém sabia do seu paradeiro, o abade caiu em si e compreendeu enfim que o Santo partira desta vida e se encaminhava pressuroso para o eterno convívio da pátria celeste. 9. Tomando cuidadosamente nota do momento exacto destes acontecimentos, pôde mais tarde verificar e certificar-se que o Santo expirara precisamente no dia e na hora em que lhe apareceu no gabinete, conforme acima se descreveu. O próprio abade, com lágrimas de saudade, contou mais tarde o caso aos irmãos.

Recapitulação

10. Santo António merece sem dúvida ser enaltecido com os maiores encómios sob os mais diversos aspectos:

na morte Deus lhe concedeu a graça especial

de contemplar o próprio Senhor em pessoa,
e logo a seguir ao ditoso trespassse,
de dirigir a palavra ao piedoso abade de Vercelli.

11. Além disso, as crianças da cidade de Pádua divulgaram miraculosamente o seu falecimento. Com a morte, o seu corpo sofreu uma profunda transformação para melhor. Toda a gente da cidade chorou em pranto inconsolável o seu desaparecimento. Um povo que se encontrava em conflito aberto, como por milagre foi pacificado. Pouco depois começava a espantosa romaria de devotos para o seu túmulo.

12. Se Deus houve por bem enaltecer dessa maneira aqui na terra este insigne Santo, quanto mais o não terá sublimado na glória sem fim?

CAPÍTULO XVIII

Canonização gloriosa

1. Desde aquele dia inolvidável, sob o olhar esplendoroso do rosto divino, começaram a multiplicar-se ininterruptamente milagres sem conta e a verificarem-se prodígios e sinais extraordinários. 2. Tais casos miraculosos foram referidos ao senhor Papa Gregório IX por uma ilustre delegação de paduanos. Depois de tudo haver sido devidamente examinado e após uma ponderada deliberação, esse mesmo Papa, no dia de Pentecostes, mandou fazer, em cerimónia soleníssima, a leitura dos milagres, diante de prelados e grande multidão de fiéis. Obtida a aprovação de todos, benzeu-se com o sinal da cruz em nome da Santíssima Trindade e inscreveu António no catálogo dos Santos, quando tinham transcorrido apenas onze meses após a morte.

3. Depois cantou-se com devoção o hino «*Te Deum laudamus*», e o Sumo Pontífice entoou em alta voz a antífona própria dos santos doutores: «Ó doutor sublime, luminar da santa Igreja,

defensor da lei divina, Santo António, intercede por nós junto do Filho de Deus». 4. E prosseguiu com o versículo e a oração ritual, em companhia de todo o clero, terminando assim a grandiosa solenidade.

CAPÍTULO XIX

Trasladação de Santo António

1. No ano 1263 da Encarnação do Senhor, depois de os desígnios do Deus altíssimo terem permitido, por intercessão de Santo António, que a cidade de Pádua fosse liberta do jugo do pérfido Ezzelino da Romano, que nela fizera uma terrível carnificina, os paduanos, inflamados de devoção para com o seu Santo, decidiram retribuir-lhe duma forma condigna o insigne benefício recebido.

2. Reunidos em assembleia, resolveram construir em honra dele uma igreja magnífica e grandiosa e proceder à exumação do seu corpo venerável, sepultado em campa rasa, como de pobre e mendigo, a fim de o trasladarem para um monumento tumular nessa mesma igreja. 3. Se ele durante a vida já brilhara como luz esplendorosa irradiante dum alto candelabro, era justo que agora, após a morte, se depusesse num jazigo bem alto, para poder ser dignamente venerado pelos fiéis.

4. Esse jazigo ou monumento fúnebre onde desde então repousa, consta que foi esculpido pelos Santos Quatro Coroados, mártires célebres da Igreja de antanho: digno por conseguinte da maior veneração não só por motivo do corpo sagrado que nele jaz, mas também por causa desses santos ilustres cuja obra artística, notável e piedosa, ainda se conserva.

5. As veneráveis relíquias de Santo António foram transferidas para a nova e grandiosa basílica na oitava da Ressurreição do Senhor, em cerimónia soleníssima, entre sons de órgãos e clangor

de trombetas, retinir de címbalos e doce melodia de suaves cânticos. E pôde então ver-se como a sua língua, depois de trinta e dois anos sepultada na terra, ainda se conservava fresca, rubra e bela, como se o Santo tivesse expirado naquele momento.

6. Nessa altura, uma personalidade tão venerável como o senhor Boaventura, doutor magnífico de sagrada teologia e à data Ministro Geral da Ordem, e que mais tarde viria a ser cardeal-bispo de Albano, estando presente na festa de trasladação, com todo o respeito pegou na língua do Santo em suas mãos, e comovido até às lágrimas, na presença de todos os circunstantes, dirigiu-se a essa relíquia com toda a devoção nestes termos: 7. «Ó língua bendita, que sempre glorificaste o Senhor e levaste os outros a glorificá-lo, agora nos é permitido avaliar como foram grandes os teus méritos perante Deus!» 8. E beijando-a com ternura e piedade, determinou que fosse conservada à parte, com todas as honras, como era justo e conveniente.

Recapitulação

9. Por conseguinte, o nosso Deus altíssimo,
 admirável, poderoso e generoso,
 único capaz de realizar prodígios estupendos e maravilhosos,
 pelos acontecimentos acabados de referir,
 mostrou quanto Santo António é digno de admiração.

Os casos apontados são os seguintes:

- a concordância unânime dos paduanos sobre a solenidade da sua canonização;
- a advertência feita a alguns habitantes da cidade;
- aquela célebre visão profética e aparição antecipativa;
- a condescendência benévola e propícia do Sumo Pontífice;
- a libertação de Pádua das garras dum tirano;

- a admirável e perfeita conservação da sua língua bendita durante um longo período, essa língua que noutros tempos ressoara como instrumento musical melodioso e altissonante, ao sopro do Espírito Santo.

10. Quem tenha lido com atenção quanto acima escrevemos, chegará por certo à conclusão de que este varão santíssimo empregou continuamente todo o tempo da vida nestas e em outras incontáveis obras virtuosas, e nelas pôs todo o seu empenho, tanto em privado como em público. 11. Por isso, exultante de alegria, mereceu ouvir da boca de Cristo Senhor, remunerador justíssimo de todos e de cada um, aquele incentivo evangélico: *«Muito bem, servo bom e fiel! Já que foste fiel em coisas poucas e pequenas, eu te confiarei muitas e grandes. Vem tomar parte na felicidade do teu Senhor!»*⁶. 12. Tal prêmio conseguiu-o ele de forma especial quando Deus onnipotente já neste mundo o glorificou e continua a glorificar por assim dizer todos os dias com tão numerosos e extraordinários milagres, mas sobretudo o há-de cumular de felicidade, plenamente e magnificamente, no futuro.

13. Da consideração tão breve de tais prerrogativas, este varão santíssimo, na qualidade de mestre da verdade e advogado fiel e eficaz de todos perante Deus, como é por demais evidente, merece sem dúvida que todos os fiéis cristãos o venerem com piedade e gratidão, o enalteçam com os mais rasgados louvores, o honrem com toda a solenidade em festas inigualáveis, e por todo o mundo anunciem a sua glória aos povos com suma reverência.

⁶ Mt 25, 23.

CAPÍTULO XX

Conclusão da Legenda

1. Podes ter a ousadia de te gloriarees no Senhor, ó cidade de Pádua, por ele te haver mimoseado com este egrégio e santo doutor, que admiravelmente te instruiu em sagradas pregações e sermões; esse exímio taumaturgo que por incontáveis milagres e prodígios tanto contribuiu para a tua fama; esse intercessor carinhoso diante de Deus, que te honrou e cumulou de benefícios sem conta!

2. Alegre-se outrossim a Ordem dos Frades Menores, a qual, apesar de ser ainda de tenra idade, ofereceu aos cristãos um luminar tão resplendoroso. 3. Brilhando no mundo pela santidade de vida e pela cultura, com a ajuda da graça celeste ele reconduziu ao caminho da salvação um sem-número de almas, arrancando-as dos atoleiros do pecado, e por isso, agora, na glória eterna, recebe nos céus uma redobrada recompensa.

4. Exulte a península Hispânica por ter sido o berço do altivo António! Rejubile também a península Itálica, por ter a honra de guardar dentro de si tão precioso tesouro! 5. Regozije-se a Igreja militante neste mundo, por ter dado à Igreja triunfante um lutador tão incansável da fé, um cavaleiro tão valoroso da religião cristã!

6. Desperta, ó Ordem pobrezinha dos Frades Menores! Deves sentir-te extremamente reconhecida ao Senhor, e extravasar em cânticos os seus louvores! Redundando de alegria, inundada de gozo espiritual, louva e glorifica sem cessar o Senhor teu Deus, exalta-o e bendi-lo de todo o coração, multiplica os agradecimentos à sua gloriosa majestade, mostra-te reconhecida às suas graças com uma profunda e sentida devoção. O Senhor dignou-se adornar-te e enriquecer-te com protectores, ajudar-te com intercessores e apoiar-te com defensores tão virtuosos e ilustres, tão famosos e egrégios, tão valorosos e incontáveis: nenhuma outra Ordem, no

meu entender, pode orgulhar-se de personagens tão numerosos e tão ilustres.

7. O primeiro de todos, singular e único, santíssimo arauto de Cristo e sua testemunha, Francisco, foi para ti o que S. Pedro foi para a Igreja universal: fundador, guia e pastor. 8. O segundo, concretamente o nosso Santo António, à semelhança do que S. Paulo representou para a mesma Igreja, foi igualmente pregador, educador e doutor: ambos ilustres e insignes.

9. São eles os dois olhos luminosos a darem encanto ao rosto da esposa, ou seja, a essa Ordem religiosa consagrada ao Senhor. Verdadeiramente iluminados por Deus e por ele amados, também eles por sua vez iluminaram outros quase sem conta, e de muitas formas lhes assistem por palavras, auxílios e exemplos; e arrebatando-os às garras dos inimigos, guiam-nos em segurança e introduzem-nos jubilosamente na assembleia dos cidadãos do céu.

TERMINA A LEGENDA DE SANTO ANTÓNIO

APÊNDICE

CAPÍTULO XXI

Alguns milagres ocorridos após o falecimento de Santo António

I. – MORTE REPENTINA DE SABOTADORES DA SUA IMAGEM

1. No pontificado do senhor Papa Bonifácio VIII foi restaurada a ábside da basílica romana de S. João de Latrão, também chamada cúria episcopal. 2. Para a confecção dum mosaico foram indigitados dois Frades Menores, peritos e muito experimentados na arte. 3. Uma vez executadas as figuras que o próprio Papa mandara representar, verificando os artistas que sobrava ainda espaço onde caberiam bem outras imagens, resolveram por sua própria iniciativa incluir nesse painel as effgies de S. Francisco e de Santo António. 4. O caso foi denunciado ao Papa, que resolveu dar as seguintes instruções aos eclesiásticos autores da delação: «Quanto à effgie de S. Francisco, uma vez que já foi executada, não temos opposição a fazer. Mas a que propósito vem a de Santo António nesse lugar? Ide, pois, e embargai a execução dessa imagem, e mandai pôr no lugar dela a do Papa S. Gregório».

5. Eles lá foram, e vários começaram a subir, uns atrás dos outros, no intuito de procederem à destruição do mosaico. Só que, como depois se veio a saber pela boca de alguns, uma pessoa de semblante aterrorador, num gesto furioso e rápido, os ia atirando lá do alto para o chão. 6. Alguns tiveram morte imediata; os restantes vieram a falecer pouco tempo depois.

7. Notificado disso o referido Papa, ordenou aos informadores: «Deixai lá ficar então o Santo, pois, como se vê, mexer com ele dá mais para perder do que para ganhar».

II. – COMO PÁDUA SE LIBERTOU DUM TIRANO

8. A cidade de Pádua não tardaria a ser liberta das garras do célebre e pérfido Ezzelino, assediada como estava, permanentemente, pelo exército dum delegado pontifício. Na noite da festa de Santo António encontrava-se o guardião dos frades de Pádua, Frei Bartolomeu de Corradino, em vigília nocturna junto da arca sepulcral do Santo, a rezar-lhe, com preces e lágrimas, suplicando a libertação da cidade. Nisto, segundo consta, fez-se ouvir do túmulo uma voz, pronunciando com toda a clareza estas palavras: 9. «Não te aflijas nem tenhas medo, Frei Bartolomeu. Pelo contrário, enche-te de coragem e de alegria, pois vou-te garantir uma coisa: pela misericórdia de Deus, consegui da parte d'Ele a graça de, na oitava da minha solenidade a cidade de Pádua ser reconquistada, e daí em diante vir a gozar da sua tradicional liberdade e da autonomia de outros tempos».

10. Efectivamente assim aconteceu, por disposição divina. Quanto à referida voz e às palavras por ela pronunciadas, numerosos frades, que nesse momento se encontravam de vigília na igreja, testemunharam tê-la ouvido claramente. 11. Informados mais tarde os paduanos deste acontecimento, todos de comum acordo resolveram que se viesse também a celebrar anualmente como festivo o dia oitavo de Santo António, com a mesma pompa e solenidade do próprio dia da festa. E essa determinação, graças a Deus, tem vindo a ser sempre cumprida até à data.

III. – CONVERSÃO DUM USURÁRIO

12. Frei Jacobino de Cartura, irmão leigo, costumava contar as circunstâncias do seu ingresso na Ordem. Tinha sido no mundo

um desenfreado usurário. Mas por desígnios divinos não tinha filhos, os quais por vezes se tornam uns empecilhos no caminho da salvação.

13. A esposa, por sua vez, era uma boa cristã, e foi por seu intermédio que ele veio a salvar-se, como escreve o Apóstolo ⁷. Com efeito, a mulher não se cansava de rezar a Deus e a Santo António, cuja igreja visitava todos os dias, para que o Senhor, por intercessão do Santo, se dignasse converter-lhe o marido. 14. Ele, porém, procedia exactamente às avessas: não só nunca visitava o Santo, como até chegava a maltratar os visitantes e a pôr a ridículo por toda a parte os seus milagres.

15. Um belo dia, contudo, condescendendo com a insistência importuna da mulher, sempre se resolveu a ir à igreja de Santo António. Ora aconteceu que naquele preciso momento, junto ao túmulo do Santo se deu a cura de um homem que tinha um braço paralítico e mirrado como um pau seco e retorcido. 16. Ao ouvirem as expressões de júbilo gritadas a plenos pulmões pelo miraculado à medida que os músculos se lhe iam distendendo, todos quantos se encontravam na igreja acorreram a presenciar o milagre. Por uma questão de curiosidade, também o nosso homem se deixou ir na onda. 17. Começou a observar com atenção o doente, de rosto afofegado e contorcendo-se com dores, enquanto o braço se lhe ia encorpendo a olhos vistos, com o aparecimento de carne e sangue, dando a impressão duma salsicha a encher-se...

18. Impressionado com semelhante espectáculo, Jacobino foi direito a casa. Decidido a dar à vida uma reviravolta completa, dirigiu-se à esposa: «Mulher, não aguento ficar aqui mais tempo!» 19. Sem mais delongas veio para a Ordem, enquanto a esposa ingressava nas monjas de Santa Clara, depois de haverem restituído vinte mil libras extorquidas na agiotagem.

⁷ Cf. 1 Cor 7, 14.

IV. – CURA DUM IRMÃO CEGO

20. Um irmão da Ordem dos Frades Menores, chamado Teodorico, havia dois anos estava completamente cego da vista esquerda. Apesar disso, e não obstante os perigos que poderia correr, veio desde a região da Apúlia até ao sepulcro de Santo António, para lhe suplicar a cura. 21. Durante o período de tempo em que esteve hospedado no convento de Pádua, visitava assiduamente a tumba do Santo, implorando sem desfalecer a graça pretendida. 22. Recuperada, por fim, a vista, como tanto desejava, voltou à terra donde viera, repleto de alegria e louvando o Senhor.

V. – EMBARCADOS SALVOS DE PERIGO IMINENTE

23. Um grupo de vinte e seis pessoas de ambos os sexos fazia viagem de barco, tendo zarpado do lugar de Santo Hilário, na diocese de Pádua, em direcção a Veneza. Ao cair da tarde aproximavam-se da localidade de S. Jorge de Álega. 24. Nessa altura desencadeou-se uma violenta tempestade acompanhada de fortes bátegas de chuva, enquanto a toda a volta as trevas se adensavam cada vez mais e eles eram fustigados por ventos impiedosos. Em tais circunstâncias, impossibilitados de aportar, começaram a vaguear à deriva ao sabor das ondas.

25. Privados da esperança de qualquer socorro humano e pressentindo a morte a aproximar-se, trataram de purificar a alma com uma confissão geral e pública, e receberam dum sacerdote presente a absolvição. Entretanto, no meio de prantos e lamentos, não deixaram de invocar unânimes a protecção de Santo António, fazendo cada qual a sua promessa.

26. Patentaram-se então o poder e a clemência desse Padre venerável e santo. Graças à sua intercessão, a onnipotência do Altíssimo, assim invocada, não tardou a livrá-los do perigo.

27. Primeiro, amainou a tormenta; depois começou a irradiar do barco um estranho clarão de luz, em apoio dos que andavam errantes nas trevas, conduzindo-os céleres e incólumes a um porto de

salvação. Só aí desapareceu a tal luz misteriosa. 28. Reconhecendo-se miraculosamente arrebatados das fauces da morte, e salvos por Santo António os ter guiado a bom porto, todos lhe tributaram um solene sacrifício de louvor.

VI. – RESSURREIÇÃO DO FILHO DUM CARPINTEIRO

29. Certo carpinteiro da Marca Trevisina consagrava a Santo António uma sincera e afectuosa devoção, e por isso o escolheu para seu patrono. 30. Tinha ele um filho único, ainda muito jovem, a quem amava ternamente. Mas Deus permitiu que a lei da morte lho roubasse. 31. Segundo o costume, os parentes encetaram as diligências para lhe darem sepultura. O pai, porém, não se conformava com a separação daquele corpo exânime. Cheio de confiança, declarou diante de quem o quis ouvir: «Eu sempre dediquei a Santo António uma profunda devoção; espero que ele se compadeça da minha dor e restitua ao meu filho vida e saúde».

32. No entanto já despontava o terceiro dia e o defunto não manifestava qualquer indício de recuperação de vida. Os amigos e vizinhos começavam a não tomar a sério a simplicidade do piedoso e devoto pai, por ele teimar na esperança de um cadáver de três dias poder ainda reviver, embora, como o de Lázaro, já cheirasse mal. 33. Finalmente, porém, pelos méritos de Santo António, a onnipotência admirável do Criador veio em socorro daquele homem tão perseverante na oração e inabalável na fé: perante o espanto e a alegria incontida de todos, o moço levantou-se, cheio de vida e saúde.

34. À vista de tão estupendo milagre, os circunstantes enalteciam e louvaram a Deus por ele se haver dignado consolar tão carinhosamente a aflição dum pai amargurado mas confiante, e ainda por ter dessa maneira glorificado magnificamente o seu Santo pela ressurreição do rapaz.

CAPÍTULO XXII

Milagres ocorridos em Portugal

I. – UMA CRIANÇA RESSUSCITADA

1. Havia na cidade de Lisboa um menino chamado Aparício, parente consanguíneo do nosso Santo. 2. Um belo dia, alguns rapazes resolveram ir dar um giro, como é frequente nessa idade. Fizeram-se ao mar num barquito pequeno, levando o miúdo com eles. Mas surgindo inesperadamente uma borrasca, barco e embarcados, com a violência do vento e das vagas, tudo foi submerso. 3. Os companheiros do rapazinho, por serem já crescidos e saberem nadar, conseguiram salvar-se; só a pobre criança foi tragada pelo mar e lá ficou.

4. Divulgada a notícia do acidente, alguém foi anunciar à mãe que o seu filhinho morrera afogado. Ela correu logo à praia, gemendo de dor. Ao ver uns pescadores a prepararem-se para lançarem as redes ao mar, pediu-lhes encarecidamente que as lançassem no sítio onde o filho se submergira. Já que o perdera vivo, ao menos fosse concedido a essa mãe angustiada vê-lo morto. 5. Quando eles retiraram as redes do mar, o corpo do menino foi por elas recolhido como se fosse um peixe. Foi uma cena de despedaçar o coração quando entregaram à mãe o cadáver da criança.

6. Parentes e amigos que entretanto haviam acorrido levaram-no para casa em companhia da mãe, no meio de prantos e lamentos. Uma vez em casa, dependuraram-no pelos pés, com a cabeça para baixo, a fim de ele expelir água que tivesse ingerido. 7. Infelizmente, nenhum destes socorros conseguiu que o pequenito desse sinais de vida: continuava de boca cerrada e faces descoradas, como é próprio dos defuntos. Ia-se desvanecendo toda a esperança de o salvar.

8. No dia seguinte, os familiares decidiram proceder à sepultura do pequenino corpo da criança, depois de verificarem nele a

fria rigidez da morte. 9. A mãe, porém, opunha-se em absoluto. No meio de amargos soluços de dor, sem desfalecimento, rezava a Santo António, prometendo-lhe que se ele lhe restituísse o filho vivo, o havia de oferecer mais tarde à Ordem dos Frades Menores.

10. Importuna na sua devoção e inabalável na sua fé, a piedosa mãe não desistia de clamar ao santo padre António. E eis que finalmente, ao terceiro dia, à vista de quantos tinham ocorrido para as cerimónias fúnebres, a criança, por todos considerada morta, ressuscitou, por intervenção miraculosa do Santo. 11. Então a mãe, não cabendo em si de alegria, juntamente com todos os presentes, atónitos com o prodígio ocorrido, renderam a Deus e a Santo António um tributo de louvor.

12. Quando o menino cresceu, com o decorrer dos anos, a piedosa mãe não se esqueceu da promessa feita, e ofereceu-o à Ordem dos Frades Menores. 13. Ao ingressar na Ordem, passou a chamar-se Frei Aparício, e levou entre os irmãos uma vida santa e exemplar sob todos os aspectos. Ele mesmo costumava contar aos confrades, com todos os pormenores, o prodígio nele realizado por aquele que é salvação e vida dos mortos, o Criador supremo, pelos méritos do seu servo António.

II. – SINOS A TOCAREM POR SI MESMOS

14. O referido Frei Aparício contava também aos irmãos outro fenómeno prodigioso ocorrido na região de Lisboa. 15. No dia em que o nosso santo padre e irmão António foi inscrito no catálogo dos Santos, todo o povo de Lisboa se sentiu invadido por uma indizível alegria, sem no entanto saberem, nem sequer suspeitarem da causa de tal sentimento. 16. Mais ainda: até mesmo objectos absolutamente insensíveis e inertes, como sinetas e sinos dessa cidade, começaram a repenicar espontaneamente, sem ninguém os tanger: dir-se-ia que estavam ansiosos por celebrarem com o seu tinido a glória do grande Santo.

17. Só passado algum tempo se veio a saber que o dia em que a cidade foi invadida pela tal explosão de alegria inexplicável a que atrás aludimos, foi exactamente o dia em que o nosso Santo foi sublimado com a glória da canonização. 18. Irradiada pelo fulgor de tão insignes prodígios, a referida cidade veio a dedicar também solenemente a Santo António o altar-mor da catedral. 19. Ainda na mesma cidade, dada a ocorrência de vários milagres, continua a celebrar-se todos os anos, com pompa e solenidade, a festa de Santo António.

FIM